

MOSTEIRO DE EKMIAZIN.

A Armenia foi das primeiras regiões convertidas ao christianismo; porém, no iv seculo da nossa era, quando os erros de Eutychio, que geralmente havia adoptado, deram motivo a reunir-se um concilio em Chalcedonia, os armenios, então empenhados em guerra contra os persas seus vizinhos, descuidaram-se de enviar representantes áquella assembléa, como tinham feito os demais estados christãos. O concilio foi unanime na condemnação das doutrinas commettidas ao seu exame; só os armenios, que não tomaram parte na condemnação, recusaram adherir, do que proveiu um scisma que ainda dura, postoque recentemente haja esperanças de que se desvaneça voltando os armenios á obediencia e praxes da Igreja catholica romana. Os membros principaes da communhão armenia, que vivem nos estados do sultão estão collocados sob a jurisdicção do patriarcha de Constantinopola; e os que habitam na Russia, na Persia e outras regiões da Asia reconhecem a supremacia do patriarcha de Ekmiazin, o qual tem vinte bispos suffraganeos, que pela maior parte são eleitos d'entre as ordens religiosas. Estes prelados prégam assentados e trazem baculo pastoral, o patriarcha os investe em a dignidade assim como elle recebe do principe soberano a investidura.

Os padres seculares podem casar-se; só lhes e vedado celebrar missa nos sete primeiros dias do matrimonio; os monges são celibatarios.

A religião armenia quasi que se funda em practicas exteriores e habituaes. As creanças ainda em tenra idade não só são ensinadas a persignar-se e invocar a Christo, mas tambem a jejuar, comendo uma só vez ao dia, á hora do pôr do sol, com abstinencia de carne, peixe, ovos, lacticinios e vinho. O culto é o mesmo que ha doze seculos; reza-se e canta-se o officio divino na lingua do paiz; a communhão eucharistica é geral para o padre e para o povo sem exceptuar as creanças; todos comem do pão consagrado, e todos bebem do mesmo calice; a consagração é feita com vinho puro e o pão de uso quotidiano. Os padres sustentam que em Jesus Christo ha só uma natureza, e não as duas divina e humana, e que o Espirito Santo não procede do Pae e do Filho, mas do Pae pelo Filho. Já se vê que os armenios são oppostos aos catholicos romanos. Na Turquia exercitam livremente o seu culto; são de costumes austeros e tem grande cuidado em retirar suas mulheres da sociedade dos homens: passam por habéis negociantes, aventureiros, sobrios, modestos, porém dissimulados e desconfiados.

O edificio principal d'este culto e residencia de um patriarcha é o mosteiro situado a cinco milhas de Erivan nas faldas do monte Ararat, no cimo do qual se diz que parara a arca de Noé; ali é o celebre santuario dos armenios. ao qual professam grande devoção; chamam-lhe Ekmiazin, isto é, a vinda do unico filho gerado, e dizem que lhe fôra dado tal nome, porque n'esse logar appareceu Christo a S. Gregorio, o illuminador, primeiro patriarcha, que fundou a igreja principal sobre as ruinas de um templo de Venus ali pelos annos de 276, reinando Tiridates, soberano da Armenia. Os mahometanos lhe chamam *Utch Klissa*, as tres egrejas, porque além da do convento ha mais duas proximas. Estavam antigamente no centro d'uma grande cidade, capital da Armenia, de que só existem fragmentos dispersos, e junto a um enorme monte de entulhos uma mesquinha aldêa; contudo tem subsistido o mosteiro com suas dependencias convenientemente reparado; o seu exterior similha uma fortaleza da idade media; entra-se primeiro n'um bazar, depois n'um grande pateo, de quatrocentos passos de comprido, no meio do qual está a igreja, que dizem dever a S. Gregorio, apostolo dos armenios, a sua fundação primitiva.

M.

MEMORIAS HISTORICAS.

Conclusão.

« Quem descreverá o alto solo da ilha, frequentemente cavado nos montes, onde o ecco responde, quando se caminha, como saindo de profundas e subterraneas cavernas? Abalam-no frequentes terremotos. Ha fogos e respiradoiros de chammas. Ainda hoje na Terceira, e na ilha de San-Miguel se encontram logares d'onde saem a miudo espessos vapores, queimando em toda a parte o solo. Da mesma sorte ha fontes onde cozerieis um ovo, como com auxilio do fogo. Na ilha Terceira, tres leguas distante d'Angra, ha uma fonte que tem propriedade de petrificar toda a madeira que se lhe deita, como eu mesmo conheci pela experiencia: d'uma arvore, as rai- zes que estavam do lado onde lhes chegava a agua, estavam empedernidas, enquanto do outro lado estavam da mesma forma que as das outras arvores. A ilha Terceira produz diversas e mui excellentes madeiras, principalmente o cedro, em tamanha quantidade que o empregam vilmente em construcção de navios, carros, e até o queimam. Ha tambem ali uma outra qualidade de pau a que chamam *sanguinho*, de bonita côr de sangue; assim como outras madeiras brancas e aloiradas, de côres fixas e magnificas, de que os marceneiros aqui fabricam armarios, escrevaninhas, caixas, estojos, etc. que mandam para Portugal, e que são particularmente procurados pelos navios da India hespa-

nhola, que sempre aqui refrescam. Em Portugal e Hespanha são estes trastes de summa elegancia, e muito procurados, porque excedem muito ás caixas e outros moveis fabricados pelos nuremberguezes. Na verdade teem muito mais valor pela naturalidade e variedade da côr da madeira. Além das supramencionadas qualidades de madeira, ainda se tiram muitas outras da armada da India hespanhola, que são de côres variadas e de tão magnifico e agradavel aspecto, que nem que fossem pintadas.

«A ilha do Pico, que dista doze leguas da Terceira, produz certa qualidade de madeira chamada *teixo*, que é na verdade regia e admiravel. Por isso por alvará se prohibe que qualquer lhe toque, visto que sómente empregados do rei estão encarregados de a cortar. É de extrema dureza, de côr interiormente vermelha, ondulada de escarlata, de summa belleza, que se augmenta pelo decurso do tempo.

«Os portuguezes possuem todas estas ilhas; contudo depois dos ultimos acontecimentos de Portugal, a Terceira recebeu uma guarnição hespanhola, com um governador da mesma nação. Aquella guarnição habita nas fortalezas e castellos, e nenhum dos portuguezes é maltratado, visto que nenhum soldado sae da cidade para os campos sem licença; por isso ha segurança continúa nas estradas de toda a ilha. O estrangeiro não pode andar a pé nem a cavallo á roda da ilha: assim o mandam as ordens portuguezas. Antigamente assignava-se na cidade um bairro em que o mercador vendia os seus generos, e d'elle não podia afastar-se. Hoje deixa-se transitar mais livremente por toda a cidade e pelos campos, sendo contudo prohibida a exploração do paiz. Esta nos foi concedida por especial benevolencia do governador, e sendo-nos por elle offerecidos cavallos, duas vezes percorremos a ilha em roda. Como pareciamos andar em serviço do rei, reputavam-nos naturaes do paiz, e por isso caminhavamos sem a menor difficulda- de. O governador pedia-me com instancia que lhe desenhasse toda a ilha, pois queria mandar a planta ao rei de Hespanha, porém eu escusava-me com o trabalho e enfado que isso causava. Contudo delineei a cidade d'Angra, com a situação do castello e fortalezas, da qual foi mandada ao rei uma copia, e m'insinuei por este modo no animo do governador. Estavam comnosco na mesma hospedaria dois mercadores, um francez, outro escocéz, que ardiam em desejo d'observar a ilha: porém os portuguezes não o consentiram, para não abrirem exemplo, temendo que a cada passo appareça um explorador. Voltamos á descripção da ilha.

«O ar aqui é bom por toda a parte. Ás doenças da terra são poucas. É enfermidade commum dos portuguezes o ar (*ar mau*), que torna o homem fraco ou paralytico de todo o corpo ou de algum membro. O subito derramamento do sangue faz nascer nos portuguezes tumores sangui- neos no rosto, á roda dos olhos, ou n'outras par-

tes do corpo. Eis aqui as duas molestias principaes, originadas pelas tempestades, pela humidade dos logares, e pela vehemencia do vento. Tamaña é a força d'este ultimo, que consome inteiramente o ferro, e as pedras dos edificios. Eu mesmo vi, no thesouro regio (alfandega) construido apenas ha seis annos, as grades de ferro que foram da grossura d'um braço, reduzidas a delgadeza de palhas, e as mesmas pedras gastas e quasi reduzidas a nada. Por isso quasi sempre collocam nos frontispicios das casas as pedras que arrancam debaixo d'agua junto á praia, porque estas resistem mais tempo á acção dos ventos! Além das supraditas, cidades tem a ilha muitas villas e aldéas, a saber: — S. Sebastião, Santa Barbara, Altares, Agualva, Villa-nova, e outros logares, de maneira que por toda a parte é povoada, excepto nos bosques que são tão cerrados que n'elles se não pode transitar. Os insulares cultivam o pastel com lucro especial; porque uns são agricultores e entregam-se á preparação e cultura d'elle, outros tiram lucro das armadas da India, do Brazil, de Cabo-verde, Guiné, e outras regiões. A Terceira pela sua commoda e celebrada posição recebe quasi todos os navios, de que colhe grande proveito. Ahi separam os insulares os alimentos e mercadorias que tem, e as pequenas coisas que fabricam, e vendem-nas aos viajantes. N'este tempo em que frequentam esta ilha os vizinhos insulares, por causa do commercio, os inglezes infestam o mar em navios de corso, afim de roubar os navios que vem ancorar n'esta ilha. Por isso agora muitas naus evitam chegar a estas ilhas, com medo das ciladas, o que causa grande prejuizo aos insulares, e grave transtorno aos navios.

«Da Terceira para sueste, distante vinte e sete, ou vinte e oito leguas, está a ilha de San-Miguel, tendo de extensão quasi vinte leguas, povoada de aldéas e outras povoações. É habitada por portuguezes, e gosa do mesmo ar, e outras commõdidades como a Terceira. A sua principal cidade chama-se Ponta-delgada, que os inglezes, escoccezes, e francezes frequentam mais do que a Terceira, por causa da extrema quantidade de pastel que ali ha, e de que importam todos os annos para cima de duzentos mil quintaes. É tambem tão fertil em trigo, que muitas vezes suppre as faltas das outras ilhas. Não tem porto algum, e o mar rebenta por toda a parte, o que torna a permanencia menos segura do que junto á Terceira. Tambem ahi não ha fortaleza alguma que impeça a saída, e por isso quando accommette alguma tempestade os navios saem livremente para o mar afim de evitar o perigo, o que não podem fazer na Terceira. Por esta razão as naus d'estrangeros entram livremente em San-Miguel. Tambem a bandeira hespanhola serve na fortaleza para defender a cidade de Ponta-delgada.

«Da ilha de San-Miguel para o sul, doze leguas está situada a ilha de Santa Maria, que

tem de circunferencia dez, ou doze leguas, sem outro commercio que a torne celebre, além do de vasos e utensilios de barro. Não tem pastel, porém abunda em tudo quanto é necessario para alimento. É habitada por portuguezes, e não é guardada por guarnição hespanhola, porque sendo cingida d'extraordinarios rochedos, pode muito bem ser defendida pelos insulares. No tempo em que eu morava na Terceira, o inglez conde de Cumberland quizera ali entrar para fazer aguada e refazer-se de viveres, porém afastou-se com grande mortandade da sua gente, depois de ter recebido muito damno dos insulares.

«Da Terceira para noroeste sete ou oito leguas está a ilha chamada Graciosa, tendo apenas d'extensão cinco ou seis leguas. Sobre modo amena e agradável, dá varios fructos de que ainda abastece a mesma ilha Terceira. É habitada por portuguezes, e nenhuns soldados tem para a guardar, porque pela pequenez não pode satisfazer ás despezas da guarnição.

«Da Terceira para noroeste oito ou nove leguas avista-se a ilha de San-Jorge, tendo mais de doze leguas de comprimento, porém só duas ou tres de largura. É povoada de montes e bosques e tem algum pastel. Os insulares cultivam os campos, e os fructos, que logo depois transportam para a Terceira. Produz a arvore *cedro* com abundancia. Esta madeira é muito procurada pelos marceneiros da Terceira, que pela qualidade do logar ahi passam.

«Da terra de San-Jorge para oes-sudoeste está situada a ilha do Fayal, que tem de circuito dezeseite, ou dezoito leguas, muito celebre, em terceiro logar, depois da Terceira e San-Miguel, porque dá com abundancia tudo quanto é necessario para sustentação. Abunda em gados e peixes, de que ainda abastece a ilha Terceira. Tambem tem pastel e por isso é frequentada dos inglezes. O principal porto d'esta ilha é junto á villa da Horta, onde fundeiam navios d'alto bordo. Junto á cidade ha uma fortaleza de pequena importancia. E porque os insulares se queixavam da grandeza das despezas, e incommodo da guarnição, offerecendo-se para a fazerem elles mesmos, o rei mandou retirar os soldados. Como porém o conde de Cumberland, depois de fraca defesa, e tendo-se manifestado dissensão entre os insulares, tomou a ilha, destruiu o castello, e lançou os canhões ao mar, levando algumas caravelas; reprehendidos e castigados pelo rei os principaes da ilha, tornaram a receber da Terceira uma nova guarnição militar. Habitam aqui muitos belgas, porem por longo habito fallando já a lingua portugueza, porque os naturaes da Belgica morreram já. Amam muito os do nosso paiz, e voluntariamente os attendem.

«Do Fayal tres leguas para sueste, da ilha de San-Jorge quatro leguas para o sudoeste, e da Terceira para oes-sudoeste doze, está a ilha do Pico, que tem quinze leguas de extensão. Tira

o nome do monte, *pico*, que dizem exceder em altura o *pico* das Canárias. Da ilha Terceira quando está o tempo claro, pode avistar-se facilmente; e parece estar distante apenas uma legua, quando se calcula que distará quasi vinte e cinco leguas, porque está na ultima extremidade da ilha do Fayal. O cume estende-se além das nuvens, de modo que o monte parece estar coberto por ellas e pelo horisonte. A ilha tem por elle grande fama. É fructifera e dá madeira em abundancia, como cedro e a outra, preciosa, que chamam *teixo*. Aqui tambem se fabricam navios, pela abundancia de madeira. Tem muitos gados, abundantes vinhos, e excellentes fructos, e, entre estes, laranjas d'exquisito gosto, que são muito procuradas pelos moradores da Terceira e de Portugal.

«Da Terceira para o occidente até á ilha das Flores contam-se setenta leguas. Esta, que abrange o espaço de sete leguas, nada produz proprio para commercio, além do pastel. Nutre abundan-

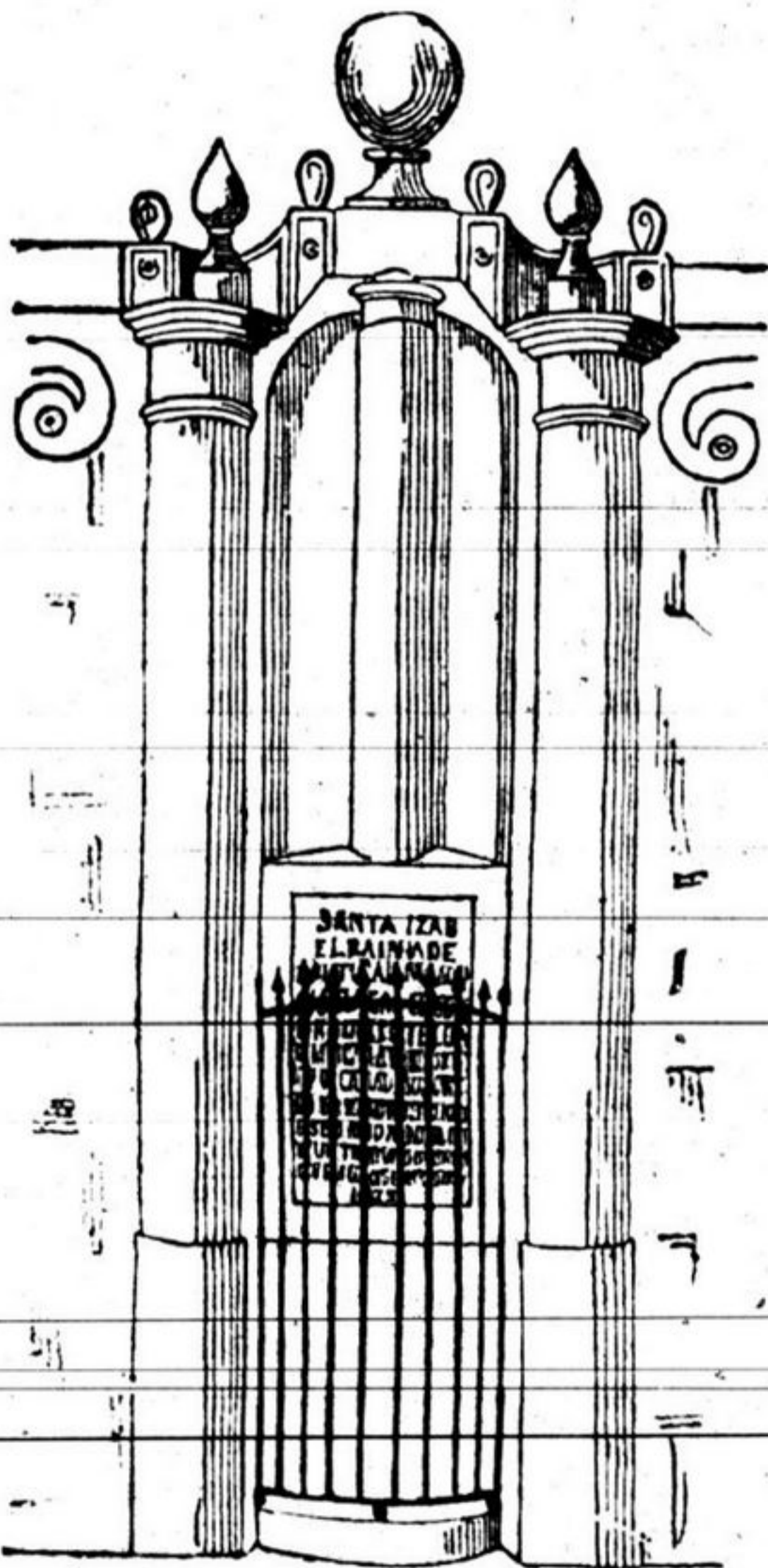
temente gados, e abre-se a todos os que ali aportam, bem como aos inglezes, que os habitantes da ilha não podem conter.

«Distante d'esta, coisa d'uma legua, está uma pequena ilha, que terá de circunferencia duas ou tres leguas, chamada do Corvo, tambem habitada pelos portuguezes. Entre estas duas ilhas, ou perto d'ellas cruzam quasi sempre navios inglezes, esperando as armadas da India occidental; porque de todas as ilhas dos Açores são estas as primeiras que avistam. Por esta razão os seus habitantes vivem pouco felizes, expostos a presas, e muitas vezes privados de seus bens.

«A ilha Terceira está situada em 39 graus, na mesma altura que Lisboa, d'onde dista para o occidente duzentas e cincoenta leguas hespanholas.

«Basta a respeito das ilhas dos Açores, que aliás são bem conhecidas dos do nosso paiz (os *hollandezes*).»

JOSÉ DE TORRES.



SANTA IZAB
EL RAINHA DE
PORTUGAL MANOY
COLLOCA ESTE PA
DRAM NESE LVGAR
EMMEMORA DAPAS
CEEICACAO QUE NEL
LE FEZ EN RESMA
RIDO FIRE IDDIS
ESEVE° DA FONSO
4° ESTANO P° SEDA
REMBT° NA ERA DE

1323

PADRÃO NO ARCO DO CEGO.

Quando el-rei D. Affonso IV, ainda infante, se tomou de ciúmes com el-rei D. Diniz seu pae, por suspeitas de que estimava mais aos filhos naturaes D. Affonso Sanches e João Affonso, do

que a elle que tinha um dia de lhe succeder na corôa, e a quem estes não serviam nem acata-vam como o infante desejava, levantou armas pelo reino, chamando á sua parcialidade quasi

todos os nobres e senhores. D'aquella predilecção d'el-rei pelos referidos dois filhos bastardos tinha o infante provas em ver desterrado ao mais velho dos naturaes, o conde D. Pedro, que por seguir partes de D. Affonso, foi a requerimento de João Affonso expatriado para Castella, tomando-se-lhe cá no reino todas as suas terras e fazenda. Alguns historiadores accrescentam que ás referidas razões accrescia ser tambem o infante de grande e desordenada cubiça, desejando cobrar para si as riquezas e thesouros d'el-rei seu pae, bem como que este demittisse n'elle a justiça e governança do reino.

Principiou o rompimento indo a Castella o infante D. Affonso, sob pretexto de ver sua sogra a rainha D. Maria, e para isso levou consigo sua esposa D. Beatriz e filhos, o que tudo foi contra vontade d'el-rei, que d'esta jornada logo suspeitou turvação ao reino. Em Cidade Rodrigo combinou D. Affonso com sua sogra como proceder n'aquella conjuntura, e regressado que foi o infante a Portugal, logo veiu á corte um Pedro Rendel, ouvidor das justiças em casa do rei de Castella, com recado da rainha, no qual com grande instancia requeria e pedia a D. Diniz entregasse ao sobredito infante o regimento das justiças; ao que el-rei, como justo era, se escusou. Com esta resposta se aggravou o infante, e principiou a andar sempre afastado d'el-rei, e a tentar meios de matar a Affonso Sanches, ou pelo menos desterral-o, como causa primaria que suspeitava ser de seu pae não delegar n'elle o regimento das justiças. Para isto tramou que Affonso Sanches o pretendia assassinar, peitando homens para esse fim, e forjando treslados d'esta intriga — que primeiro teve cuidado de fazer publicos em Coimbra, onde se achava, para commover o povo — os enviou depois a el-rei, pedindo desagravo de seu irmão bastardo. El-rei não quiz crer n'estas invenções, e mandou pedir ao infante os documentos originaes, para em vista d'elles proceder com o devido castigo como cumpria; ao que o infante tambem não quiz obedecer, e el-rei veiu a descobrir a falsidade.

D'estas desavenças seguiram-se serem tambem desavindos os homens d'el-rei e do infante, com estrago de fazenda de ambas as parcialidades, e mortes traiçoeiras de alguns. N'estas contendas interveiu o papa para que o infante se tornasse obediente ao pae, ao que elle foi constantemente recusando-se, até que por fim saiu de Coimbra com muita gente armada, caminho de Leiria, com fama de vir a Lisboa em romaria ao mosteiro de S. Vicente, porém na verdade com a tenção de tomar e ter Lisboa contra seu pae. El-rei que o soube mandou-lhe recado a Santarem para que despedisse aquella gente, pois não dava assim o infante mostras de romaria, antes de maus intentos. D. Affonso despresou os conselhos do pae, e continuou sua marcha sobre Lisboa, e ao seu encontro saiu el-rei, levando em companhia a rainha D. Isabel sua mulher. Achava-se o infante a oito leguas de Lisboa, quan-

do soube da saida de seu pae, e inclinou para Cintra, onde D. Diniz o foi buscar; mas o infante não quiz combater, e abalando-se mais proximo á cidade de Lisboa, seguido foi por el-rei que em Bemfica soube achar-se o infante a uma legua d'ali aparelhado a combate. Comtudo o encontro das duas hostes não teve logar pela intercessão da rainha Santa Isabel, e foi em memoria d'estas treguas entre pae e filho que se levantou o Padrão que hoje se vê ao Arco do Cego, estrada do Campo Pequeno para o Lumiar, encravado na parede de uma quinta que até 1833 foi dos padres Nerys. A nossa estampa representa este padrão com a sua lapida, reformado ha poucos annos.

E por concluir com esta noticia, diremos que depois se fez concordia entre o infante e el-rei, na villa de Pombal, e estas pazes se firmaram com solemne juramento no altar da capella de S. Simão em Leiria.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

EDUCAÇÃO.

Consideravam os israelitas a educação dos filhos como o primeiro e mais doce dos deveres impostos ao homem.

Começava ella d'algum modo logo depois do nascimento, porque as mães não se dispensavam como hoje de nutrir aos proprios peitos o fructo das suas entranhas.

Apenas a creança podia caminhar, e soltava algumas palavras, o trabalho e os exercicios iam formando a sua educação physica, da mesma sorte que a musica e as lettras lhe formavam o espirito. Uma e outra educação iam seguindo proporcionalmente os annos.

O pae acostumava o filho a correr, a levantar pesos, a disparar o arco, a servir-se da funda, e a combater contra os animaes ferozes. Estes exercicios eram ás vezes acompanhados de exercicios militares.

Ensinava-lhe tambem tudo quanto respeitava á agricultura, esclarecendo as lições com uma continuada pratica; de sorte que um mancebo, saindo da casa paterna, sabia todas as coisas necessarias á vida, conhecia perfeitamente as diferentes qualidades de terra, as plantas proprias a cada uma, o seu tratamento especial; modo de cultivar e recolher os fructos, a natureza de cada animal domestico, o sustento mais apropriado a cada um d'elles, as molestias de que o gado adoecia, e o modo de as curar.

As mães ensinavam ás filhas todo o arranjo de uma casa: como se cosinhava; a fiar; a trabalhar de agulha; a cortar etc.

Havia maximas especiaes á educação de cada um dos sexos, que pela sua extensão não podemos mencionar aqui, mas que tem um cu-

nho de profunda philosophia, e que os sabios modernos ainda não souberam egualar.

Além d'estas instrucções eram os paes e as mães obrigados a ensinar aos filhos as maravilhas que Deus operara tanto em seu tempo, como no dos seus antepassados. Ordenava-lhes a lei que explicassem a origem das festas que celebravam, e as ceremonias praticadas n'ellas.

Os israelitas não tinham escolas publicas, porque a sua vida laboriosa não lhes permittia que deixassem sair os filhos da casa paterna para ouvirem as lições de mestres particulares. A maior parte dos estudos fazia-se sem leitura, nem lições regulares: era por via das palestras dos paes e dos anciãos.

Tinham, porém, um grande numero de livros. Desde o tempo de Moysés falla-se n'um livro das guerras do Senhor; e n'outra parte se menciona o livro dos justos. Nos livros dos reis citam-se muitas vezes as chronicas dos reis de Judá e d'Israel: Salomão escreveu tres mil parabolos, e mais de mil canticos. Havia tratados sobre todas as plantas e animaes, feitos pelo mesmo principe, e elle proprio se lastima do furor que tinha de escrever e compor.

Todas estas obras, e muitas outras que se perderam, serviam de certo aos entretenimentos dos hebreus, e os paes n'ellas colhiam grandes lições para seus filhos; porém o livro principal que lhes entregavam era a Biblia, a qual só bastava para instruir perfeitamente.

E effectivamente este livro suppria-lhes todos os mais, porque encerrava o que elles deviam saber. Tinham ahi a historia do mundo até ao seu estabelecimento na *Terra da Promissão*, os progressos da sua nação, as diversas revoluções que a agitaram, os beneficios que receberam de Deus, as penas com que as suas infidelidades foram punidas. Ali se achava toda a sua religião, todos os seus dogmas, todas as ceremonias do seu culto, todos os preceitos da moral, todas as suas leis civis. Finalmente encontravam n'aquelle livro todas as nações que lhe eram conhecidas, e especialmente aquellas que mais lhes importava conhecer.

Aquelle isolamento em que os israelitas viviam das nações estrangeiras fazia-lhes inuteis o estudo das suas linguas e dos seus livros. Até mesmo semelhante estudo ser-lhes-hia perigoso, porque teriam aprendido as fabulas impias e extravagantes de que se compunha a theologia dos idolatras.

Applicavam-se a pronunciar e ler correctamente a sua lingua natural — a hebraica, que é a mais antiga, a mais simples, e apesar d'isso a mais rica e energica de que nenhuma outra que se tenha fallado sobre a terra.

Eram as suas letras as que chamamos samaritanas porque este povo as conservou. E como ellas não são correntes, nem facéis de formar, duvida-se, e com razão, que o uso da escripta fosse muito commum entre os hebreus. O certo é porém que a maior parte do povo as sabia ler.

Usavam muito de parabolos, enigmas, alegorias e discurso figurado, encerrando assim as maximas de moral em imagens agradaveis e naturaes, expressas por poucas palavras, afim das creanças facilmente as reterem de memoria.

Parte da educação consistia em aprender os canticos compostos por Moysés, e outros profetas, e os psalms de David. Estas poesias eram cantadas, e para isso precisavam suas noções de musica.

Nada nos resta hoje da musica dos hebreus, nem da structura dos seus versos. Tinham muitos instrumentos como flautas, trombetas, harpas, pandeiros, etc.

Os canticos eram acompanhados de danças. Por isso os rapazes e as raparigas se exercitavam n'ellas. Muitas vezes as raparigas formavam coros, e salam ao encontro, ganha uma victoria, dos soldados triumphantes, para os felicitarem pelo bom exito das armas. Dançavam e cantavam, em signal de alegria.

RIQUEZAS.

Todos os israelitas tinham um campo para cultivar. Era o mesmo que os seus antepassados haviam recebido de Josué. O israelita não podia nem mudar de logar, nem arruinar-se, nem enriquecer excessivamente; porque a tudo isto provia a lei do anno *sabbatico*, e a do anno do *jubileu*.

Pela primeira d'estas leis estatua-se que a terra descansasse todos os sete annos em honra do Senhor. No decurso d'este anno setimo, não podiam nem semear o seu campo, nem empar a vinha, nem limpar as arvores, nem ceifar, nem vindimar, nem colher os fructos e legumes que a terra produzisse. Tudo isto ficava abandonado n'esse anno aos pobres e aos estrangeiros. Durante o sexto anno os proprietarios faziam as suas provisões. Se porventura careciam de novos fructos, podiam sim recolher os da produção espontanea das suas terras, porém com moderação, não prejudicando aquelles que pela sua pobreza eram n'esse anno os que tinham direito a estes fructos.

Pela lei do *jubileu* santificava-se do mesmo modo o quinquagesimo anno. Publicava-se então uma liberdade geral, pela qual os hebreus que a miseria obrigara a entregarem-se como escravos a seus irmãos, recobravam todos os privilegios de cidadãos. Cada um entrava no pleno direito do que tinha alienado.

Durante o anno do *jubileu*, assim como tambem em todos os annos *sabbaticos* não se podiam exigir dividas, e até muitas vezes se perdoavam ellas aos pobres. Esta difficuldade de pagamento, e a impossibilidade de fazer acquisições duraveis, tornava os emprestimos mais difficeis, e as vendas menos frequentes; e portanto diminuiam as occasiões de empobrecer, o que era o principal fim da lei. Cada um se li-

mitava á sua herança, e esmerava-se em lhe augmentar o valor, pois sabia que nunca sairia da sua familia.

Quando se queria vender uma propriedade rustica, calculava-se o preço pelo numero de annos que deviam decorrer até ao proximo anno do jubileu; quanto maior era o numero de annos, mais valor tinha. Nunca se vendia senão com a condição do resgate. Assim o vendedor podia recuperar a sua propriedade dois, tres, quatro annos depois de a ter alienado, dando ao comprador o dinheiro que recebera por ella. Se não podia resgatal-a esperava pelo anno do jubileu.

Quem vendia uma casa dentro do recinto murado de uma cidade, podia resgatal-a dentro de um anno; passado este praso, ficava pertencendo perpetuamente ao comprador, que não era mais obrigado a restituil-a, nem mesmo no anno do jubileu. D'esta lei só estavam exceptuadas as casas dos levitas. Se a casa estava em cidade não murada, vendia-se segundo o costume das terras, isto é, sob a condição do resgate, ou pelo menos a de se recuperar no anno do jubileu.

Os hebreus não eram propriamente mais do que os usufructuarios das suas terras; eram os rendeiros de Deus unico proprietario verdadeiro. Antes de se elegerem os reis, elles não pagavam mais tributos do que os dizimos e primicias ordenados pelo Senhor: quando a realza se estabeleceu foram gravados com tributos e impostos arbitrarios.

Todos os israelitas eram quasi equalados em bens, e se a multiplicação da familia obrigava a dividir as terras em mais porções, deviam supprir a falta que d'aqui resultava pela industria e pelo trabalho, nutrindo mais rebanhos nos desertos e nas terras communs.

Era mui escasso entre elles o numerario. E realmente não podia ser de muito uso n'um paiz onde os bens de raiz se não podiam alienar, nem contrahir dividas, e o trafico era tão limitado.

A usura era prohibida entre os israelitas e permittida só com os estrangeiros; porém segundo a lei tambem não era facil ter commercio com elles.

Quando qualquer homem morria sem filhos varões, as propriedades passavam ás femeas. Se tambem não tinha filhas então os irmãos herdavam. Faltando o irmão, era o tio paterno. Na falta d'este a successão passava para o parente mais proximo.

Continua.

A.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

CASA DE S. ROQUE.

III

Continuação.

Para subir ao tecto da igreja e telhado ha duas escadas junto aos cunhaes do cruzeiro, não

sendo ellas cocleadas, como geralmente é uso, mas com tableiros e degraus de dois em dois, e de quatro em quatro, pelos quaes se sobe desabafadamente pela largura, e claridade que teem.

O frontispicio da igreja termina em um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura. Ao remate do triangulo seguia-se pela parte inferior um nicho, acompanhado de cada parte por duas columnas tambem de pedra. Dentro do nicho ficava a imagem do Salvador do mundo com um globo na mão, e sobre elle uma cruz.

O triangulo que hoje se vê sobre o segundo corpo da fachada é de construcção moderna. Falta-lhe portanto, não só a varanda, que corria pela parte exterior do corpo da igreja, mas tambem o nicho e as columnas que o acompanhavam de cada lado. Hoje existe n'este logar um oculo imperfeito; porque se não levou a effeito o projecto de um relógio. Quem reparar para o triangulo sobreposto ao segundo corpo, reconhecerá immediatamente que houve um terremoto que alluiu esta elegante frontaria.

Pela parte debaixo ha tres grandes janellas, guarnecidas de marmore branco, todas de vidraças, que ficam sobre o côro, e servem de lhe dar luz, e a toda a igreja.

Além d'estas janellas tem mais duas o frontispicio que são quasi quadradas, e servem tambem para augmentar a luz da igreja, e do côro.

Tem o frontispicio igualmente tres portas, pelas quaes se dá entrada do adro para a igreja.

Ao entrar na igreja logo se admira o tecto de esteira que resguarda o vão por baixo do côro. É de estuque doirado, e as paredes de ambos os lados estão revestidas de azulejo. Na da direita ha uma porta grande com serventia para o claustro. O côro é sustentado por duas columnas inteiriças, e de boa grandeza.

Esta igreja tem de comprimento, não fallando na capella-mór, cento e oitenta e seis palmos, e de largura oitenta e dois, não mettendo em conta o vão occupado pelas quatro capellas, que correm de cada lado do corpo da igreja.

Os arcos d'estas capellas são de marmore branco, sustentados em pilares da mesma pedra, e os seguintes que acompanham os ditos arcos estão ornados de paineis, vendo-se anjos pintados em alguns, e n'outros varios doutores da Igreja.

Um friso de pedra corre por sobre as capellas, e por cima d'este, no meio de cada arco, fica uma tribuna, com seus balaustres. Por estas tribunas, a que correspondem por detraz largas janellas, com vidraças, entra mais claridade e luz na igreja. As tribunas são tantas de cada lado como as capellas. Tambem no cruzeiro, sobre o arco que n'elle fica, de cada parte, correspondente aos dás capellas, ha outra tribuna. Com estas são de cada parte cinco.

Entre as tribunas ha paineis ornados com grandes molduras, lisas, e doiradas. As suas pinturas são passos da vida de Santo Ignacio. De cada lado ha quatro paineis grandes, e quadrados, e mais outros quatro mais pequenos, fi-

vando dois d'estes entre as janellas do côro. Representam a morte de Santo Ignacio, e a sua sepultura.

Sobre os paineis vem uma cornija, com dentilhões de pedra, guarnecidos com fios de ouro, rematar as paredes. Sobre estes dentilhões descansam as vigas, que sustentam o tecto da igreja, e correm como já dissemos por toda ella.

Exactamente no meio de cada lado da igreja ha um pulpito de pedra, de figura quadrada. Sobre o guarda-pó de cada pulpito, e que são bem ornados, assentam dois nichos, sobrepostos um ao outro, e em cada um seu Evangelista, que representam altura proporcionada á de um homem.

O pavimento da igreja era dividida em duas partes, na sua largura, por uma teia. A parte destinada ás mulheres, que ficavam assim totalmente separadas dos homens, era coberta de estrados, excepto uma via, de competente largura, ao centro, e lageada, para dar logar ás procissões, ou passar ao cruzeiro.

A parte que pertencia aos homens estava occupada por bancos. Por traz d'estes bancos deixava-se livre uma passagem, para ir da porta da igreja ao cruzeiro.

Umhas grades de pau santo terminavam o corpo da igreja, dividindo-o do cruzeiro. Assentavam no pavimento d'este, que é mais alto que o do corpo da igreja coisa de um palmo. Esta altura forma um degrau.

Nota-se n'este templo o defeito de ser o cruzeiro mais acanhado do que o demandava a largura e extensão do corpo da igreja.*

Capella-mór.

A capella-mór tambem padece do mesmo defeito, pois bem se lhe nota a falta de fûndo. Do pavimento até á abobada é sua altura de cincoenta e seis palmos. De largura mede trinta e sete.

Esta capella foi dada pelos padres a D. João de Borja, e sua mulher D. Francisca de Aragão. Aquelle era filho de S. Francisco de Borja, duque de Gandia, que foi casado com a portugueza D. Leonor de Castro, dama da infanta D. Isabel, que em Castella casou com o imperador Carlos v. O duque foi depois religioso da Companhia, e canonizado pelo papa Clemente x.

Era n'esta a sepultura do referido D. João, sua mulher, e successores, e a Companhia d'ella lhes fez doação em agradecimento do grande thesouro de reliquias que elle doou á Casa de S. Roque. Aqui só existe soterrado D. João de Borja; sua esposa e filhos morrendo em reinos estrangeiros nunca foram trasladados para este jazigo, que fica por baixo da mesma capella.

O retabolo, que foi feito pelos padres, á custa de esmolas, consta de dois corpos. Tem columnas corinthias, striadas com terços mui bem lavrados. Os capiteis são tambem de feitio corinthio; e sobre as columnas correm as alqui-

traves e frisos, e sobre estes as cornijas e ornamentos com bom relevo.

Entre as columnas ha nichos striados, e as meias laranja que formam estão artesoadas de florões, e os baixos acompanhados de tarjas com folhagens e fructos em relevo. N'estes nichos estão quatro santos da Companhia, a saber:— Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e S. Luiz Gonzaga.

O sacrario é perfeito e doirado com grande primer. Está mettido no vão de um arco, que faz o retabolo, composto tambem de varias columnas striadas. Uns anjos de relevo inteiro, com os emblemas dos martyrios nas mãos, rematam as columnas. Conclue esta obra um zimbório, com sua peanha, e a cruz por symbolo.

No meio do retabolo o que se via ordinariamente era um excellente quadro da Circuncisão, feito em Roma. Ha mais quadros que ali se põem conforme a variedade de festas e mysterios que a Igreja celebra; e são estas a festa do Natal, Resurreição, e Pentecostes.

Nos quartos domingos de cada mez havia communhão geral na Casa de S. Roque. N'essa occasião tirava-se o retabolo, e apparecia então uma casa onde estava uma charola doirada, com quinze palmos de pé direito, e de vão treze, formada por seis columnas com seus capiteis corinthios. Entre columna e columna ha um arco em forma de nicho transparente, com pequenos pilares e arcos formando um circulo.

Sustentam estas columnas uma meia laranja que prende de columna a columna com florões.

Dentro do nicho está a peanha, onde se expõe o Sacramento, e tem dois anjos em humilde adoração, e que parecem á vista sustentados no ar, e com as azas, que por meio de um machinismo, se levantam e abaixam, cobrem, ou descobrem o Sacramento.

Em cada lado do retabolo ha dois nichos de pedra, com suas imagens, que representam os quatro jubileus perpetuos que tinha a Casa de S. Roque, e eram nas festas da Invenção da Santa Cruz, de S. Gregorio Taumaturgo, de Santa Brigida Virgem, e de Santa Ursula com as onze mil virgens.

Nos lados da dita capella ha tambem quatro paineis representando os tres martyres do Japão, Paulo, João, Diogo, e o beato Estanislau.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Publicou-se a comedia de costumes — O SAPATEIRO D'ESCALADA — representada no theatro de D. Maria II, — preço 160 réis; bem como — A TORRE DO CORVO — drama original do autor da comedia — O CAMÕES DO ROCIO. Preço 400 réis.

Publicaram-se as doze primeiras folhas da — CHRONICA DA RAINHA.

Estas obras acham-se á venda na loja do editor d'este jornal, rua do Ouro, 227 e 228.